

Mais cedo ou mais tarde todos os governos chegam ao fim. Mas o Governo Sarney parece ter pressa de acabar. No que, aliás, está em sintonia com quase todos os brasileiros. No entanto, para quem se empenhou a fundo em conseguir mais um ano de mandato junto à Constituinte, não deixa de ser surpreendente.

Os sinais que ajudam a compor um clima de fim de festa estão em toda parte. Ultimamente, são notados até mesmo nos escritórios de campanha dos presidenciáveis melhor colocados nas pesquisas. Não se passa um só dia sem que os senhores Collor, Brizola e Covas recebam telefonemas ou recados de gente interessada em se bandear. A única condição é o sigilo.

A iniciativa privada também vem recebendo esses sinais, que se assemelham muito a pedidos de socorro — isto é, de emprego. São auxiliares do Presidente tentando pavimentar o caminho de volta, diante da certeza de que o próximo presidente será um dos adversários do atual. Neste momento, há mesmo quem deixe a prudência de lado para ensaiar uma tardia postura oposicionista.

Porém, o sinal mais evidente é também o mais alarmante. Localiza-se na área econômica, onde as tentativas de renegociar alguns pagamentos da dívida externa estão esbarrando no cauteloso retraimento dos banqueiros interna-

cionais. Eles simplesmente se recusam a negociar, mesmo a curto prazo. Abastecidos com informações recebidas do Brasil, preferem esperar pela definição do quadro eleitoral. Realistas, contemplam uma data para além de 15 de novembro, pois sabem que os candidatos com maiores chances têm opiniões bastante desencontradas sobre a questão da dívida. É verdade que eles não ignoram o fundamental: a possibilidade de moratória está praticamente afastada, na medida em que o único candidato a defendê-la (o ex-metalúrgico Lula) está piorando nas pesquisas. Mesmo assim, os banqueiros mantêm-se arredios.

Considerando as circunstâncias, o que está acontecendo é natural. Mas chega a ser constrangedor que o Governo Sarney acompanhe passivamente o seu próprio fim e não consiga enxergar nestes meses que faltam uma oportunidade única. Mesmo com todo o descrédito que cerca cada uma de suas ações, e apesar da escassez de tempo, ainda seria possível ao Governo adotar determinadas medidas e reformular algumas estruturas, com o objetivo de preparar o País para o novo período presidencial. Ao invés disso, o Presidente prefere ocupar-se de responder, na televisão, a críticas surgidas no calor da campanha eleitoral. Campanha da qual, aliás, ele prometia ser apenas o juiz. Vai ter que gastar muito do pouco tempo que lhe resta.